

Olhe, conto-lhe uma história se a quiser ouvir. **O Contrato Comunicacional Narrativo**

Armindo de Moraes
Universidade Aberta / FCT

Na interacção oral, a introdução de um Enunciado Narrativo obriga o futuro narrador a negociar com o interlocutor o Acto de Enunciação que pretende realizar. Para além de anunciar a sua vontade de narrar algo, ele tem de motivar o outro a aceitar a narrativa, convencendo-o da sua relevância para a interacção, bem como prepará-lo para a sua realização.

Através do acto comunicativo que passaremos a denominar *Resumo* (Labov, 1972) o locutor:

- promove a passagem entre duas situações de enunciação (a actual e a que vai resultar da narração);
- estabelece um novo contrato comunicacional entre os interlocutores, atribuindo-lhes os papéis de Narrador e Narratário(s) (Bres, 1994);
- redistribui, de uma forma assimétrica, o espaço de enunciação;
- e procura ganhar o interlocutor para uma conceptualização individual do que vai ser narrado.

1. Objectivos

O objectivo da presente comunicação é identificar e caracterizar as estratégias discursivo-pragmáticas utilizadas na construção do *Resumo* que asseguram o êxito da passagem para o Enunciado Narrativo e o marcam avaliativamente.

A partir de exemplos retirados de interacções orais autênticas procurar-se-á identificar um protocolo contratual e caracterizar as actividades preparatórias para a acção comunicativa seguinte (Rehbein, 1981) utilizadas pelo futuro narrador, tomando em consideração quer a sua função discursivo-pragmática quer a sua forma linguística e respectiva localização textual.

Assim, procurar-se-á:

- apresentar ocorrências da macroproposição *Resumo* em que seja possível identificar um protocolo de negociação do Enunciado Narrativo;
- descrever as etapas / movimentos da sua realização enquanto acto comunicativo;
- caracterizar os actos comunicativos que lhe dão corpo.

2. Breve enquadramento teórico:

O estudo sistemático de Enunciados Narrativos produzidos em situação de interacção oral remonta aos trabalhos pioneiros de W. Labov (1972) e à sua proposta de uma caracterização funcional dos constituintes da narrativa no quadro de uma concepção enunciativa das unidades linguísticas. Para tal, Labov define uma sequência de módulos organizados em torno de um núcleo narrativo constituído pelo Desenvolvimento da Acção e respectivo Resultado (ver Quadro 1).

Dado que o seu principal objectivo é caracterizar a narrativa oral enquanto discurso interactivo, Labov (1972) considera a sua organização em função do diálogo implícito (ou explícito) entre o narrador e o ouvinte. A cada um dos módulos referidos, com a excepção do último, corresponde a preocupação em responder a uma potencial pergunta (verbalizada ou não) do interlocutor. Da eficácia da resposta depende a manutenção do interesse do ouvinte pela narrativa e a legitimação da apropriação do espaço comunicativo pelo narrador.

Quadro 1: Módulos Narrativos

M1	RESUMO	<i>Qual é o assunto?</i>
M2	ORIENTAÇÃO	<i>O quê, quem, onde e quando?</i>
M3	DESENVOLVIMENTO DA ACÇÃO	<i>O que é que aconteceu?</i>
M4	AVALIAÇÃO	<i>E então? O que é que isso interessa?</i>
M5	RESOLUÇÃO ou RESULTADO	<i>Como é que acabou? O que é que aconteceu no fim?</i>
M6	QUEDA ou CODA	

Para uma mais fácil exposição do modelo, Labov (1972) propõe uma divisão entre Módulos Narrativos – M3 e M5 – e Módulos Avaliativos – M1, M2, M4 e M6.

Não perdendo a noção de unidade do Enunciado Narrativo, para o presente trabalho interessam especificamente os Módulos Avaliativos, na medida em que são responsáveis, cada um à sua maneira, pela dimensão interactiva da narrativa, quer ao nível da organização conversacional (todo o narrador tem que justificar a sua ocupação assimétrica do espaço social da interacção) quer ao nível da orientação intencional do narrado e sua posterior interpretação.

Mais precisamente, vamos focalizar a nossa atenção na caracterização do Módulo RESUMO, apresentando as funções interaccionais e configuracionais que lhe são atribuídas por W. Labov, (1972:300-307) J.-M. Adam e J. Bres no seguinte quadro (ver Quadro 2):

Quadro 2: Caracterização da Macroproposição *Resumo*

	Funções interaccionais	Funções configuracionais
Labov	Abre um turno introdutório de uma narrativa distinguindo-se da <i>Orientação</i> ¹ que inicia a Narrativa (Labov, 1972:300-307)	É uma Avaliação: revela o tema, a intenção e o objectivo da narrativa; O narrador não pretende substituir a história, mas afirmar o seu interesse para a interacção.
Adam	Tem funções de regulamentação conversacional: assegura a passagem entre a Situação de Enunciação actual e o Mundo Diegético da narrativa. (Adam, [1984] 1991)	Assegura a explicitação da intenção comunicativa do todo significativo que a narrativa representa; Concorre para a conformidade da interpretação do narratário com a ordem configuracional do narrado; Assegura o seu interesse e novidade para o narratário.
Bres	Abre um espaço de negociação onde o futuro narrador assegura o acordo do interlocutor para a passagem a um turno narrativo. A negociação obedece a um Protocolo de Acordo ² (Bres, 1994: 84-91)	É um Anúncio apelativo que procura a confirmação do interesse do interlocutor para a narrativa que se segue.

Seguindo a hipótese levantada por Bres, a propósito da existência de um contrato comunicacional narrativo vinculado a um protocolo de acordo, é necessário identificar e caracterizar as actividades comunicativas que lhe dão corpo.

Para tal consideraram-se os trabalhos de W. Kallmeyer (1978, 1976), J. Rehbein (1981, 1984) e R. Meyer-Hermann (1978) sobre Actividades Preparatórias em interacção oral. Como realça W. Kallmeyer (1978) estas Actividades Preparatórias envolvem, simultaneamente, locutor e alocutário na medida em que orientam as actividades de ambos para o que vai ser construído na conversação:

¹ Segundo o autor a *Orientação*, quando no início da narrativa, pressupõe um contrato enunciativo entre os participantes na interacção: se um locutor se referir a um acontecimento anterior ao momento da interacção e se essa referência não puder ser interpretada como um acto de fala completo, então o seu interlocutor deve entender esta referência como o início de uma narrativa. (Labov, 1997, 104-110)

² Segundo o autor a negociação obedece a um protocolo constituído, numa versão mais elaborada, por cinco elementos: 1) anúncio da novidade (*l'annonce de nouvelle*); 2) questão sobre a participação do narrador (*la question sur la participation*); 3) pedido para narrar (*la requête*); 4) verificação da novidade para o narratário (*la verification*); 5) justificação (*la justification*).

- O locutor, orientando o alocutário quanto ao valor ilocutório, conteúdo proposicional e interesse da actividade comunicativa planeada, procura obter dele a atenção e a compreensão dos seus planos, bem como criar condições para a sua recepção (Rehbein, 1976: 60).
- Da parte do alocutário, as Actividades Preparatórias permitem-lhe preparar-se para a actividade anunciada activando os seus conhecimentos esquemáticos³. No caso do anúncio de um turno narrativo, tal conhecimento permite-lhe a activação de um esquema de referência para a sua interpretação, recorrendo, para tal, à actualização de um modelo textual prototípico culturalmente adquirido (Adam, 1985, 1990).

Na análise destas Actividades Preparatórias consideraram-se, também, todas as Estratégias de Atenuação utilizadas pelo futuro narrador para preservar a sua face e limitar ou neutralizar possíveis reacções desfavoráveis ou interpretações contrárias à sua intencionalidade. Para a sua análise seguiram-se, de perto, os trabalhos para o Português do Brasil de M. Rosa (1992) e P. Galembeck (1997).

3. O corpus

Num *corpus* 27 Enunciados Narrativos produzidos em situação de interacção oral, recolhidos no *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* do CLUL e no *Corpus Faria* (Faria, 1983), escolheram-se dois exemplos de Actividades Preparatórias cuja principal função é obter o acordo do interlocutor para a passagem a um Enunciado Narrativo através do estabelecimento de um Contrato Comunicacional entre as partes presentes.

Este Contrato Comunicacional é estabelecido segundo um protocolo que inclui, à partida, os seguintes movimentos (ver Quadro 3):

Quadro 3: Protocolo de Negociação da Sequência Narrativa

M1	Movimento de Anúncio da Narrativa
M2	Movimento de Justificação da Narrativa
M3	Movimento de Negociação do Acordo: <ul style="list-style-type: none"> (i) Pedido de Acordo Explícito (ii) Entrega da Decisão ao Interlocutor
M4	Movimento de Aceitação do Interlocutor
M5	Início da Narrativa: Orientação

³ Segundo Van Dijk (2002 [1992]: 74-98) a compreensão de enunciados envolve conhecimentos gerais organizados em esquemas conceptuais. Esses esquemas (frames) são unidades de conhecimento de natureza mais ou menos convencional organizadas segundo um certo conceito que pode ser de cariz comportamental ou epistemológico. A activação destes esquemas, associada às informações derivadas de actos comunicativos imediatamente precedentes e à informação global sobre esse tipo de actos, permitem um processamento rápido e funcional da informação.

4. Análise dos exemplos recolhidos

Veja-se um primeiro exemplo retirado do *Corpus Faria*. Na entrevista com o código N2 1.16, o entrevistado retoma o tópico proposto na pergunta para introduzir uma história pessoal de cariz anedótico.

- M1** *ah... em relação à limpeza,*
[conec. discursivo] [defi.+ n.]
Retoma de Tópico
Ø *queria -lhe contar uma história*
[v. modal + pron. dativo + v. declarativo] [indef. + n.]
Expressão de Vontade de Narrar
- M2** *que —eu acho giríssima, giríssima!*
[relativo][pron. suj. + v. epistémico¹] [adj. dupla superlativização]
Atenuação: expressão de opinião
Avaliação Justificativa
- M3** *ah... isto até se não fosse...*
[anafórico] [adv.] [condicional][adv. negação] [v. copulativo]
[interrogativa indirecta polar]
Trabalho de face
Pedir Acordo
- M4** *Não está tudo bem.*
Acordo
- M3'** *ah não, mas se quiser cortar isto...*
[interj.] [con. discursivo] [condicional] [v.modal+v.acção] [catafórico]
[interrogativa indirecta polar]
Trabalho de face
Entrega da Decisão ao interlocutor (→ Trabalho de Face)
- M5** *eu, quando vim para este gabinete ...*
[pron. pessoal] [adv. tempo + v. vir + prep.] [deíctico + n.]
Início da narrativa → Orientação / Situação Inicial : Personagem principal,
Tempo e Espaço

¹ consideram-se verbos epistémicos aqueles que se referem ao saber do locutor e à avaliação que ele próprio faz dos seus enunciados com base nesse saber.

O locutor introduz um novo acto comunicativo através do Conector Discursivo de Retoma de Tópico – *em relação a* – logo seguido do Anúncio da Narrativa constituído pelos seguintes elementos:

- um predicador verbal composto pelo modificador modal com valor volitivo – *queria* – associado a um verbo declarativo típico do enunciado narrativo – *contar*;
- dois argumentos internos do referido predicador: o pronome dativo com valor apelativo – *lhe* –, que refere o interlocutor, e o sintagma nominal com valor de complemento directo – *uma história* – associado a uma relativa restritiva com dupla superlativização – *que eu acho giríssima, giríssima*.

Em termos pragmáticos, o Anúncio (Rehbein, 1981) realiza os dois primeiros movimentos do contrato comunicacional:

- [M1] – Movimento de Anúncio da Narrativa em que se revela a vontade de narrar de um dos interlocutores;
- [M2] – Movimento de Justificação da Narrativa em que se resume e avalia de forma genérica o que vai ser narrado, ao mesmo tempo que se promove a adesão e o envolvimento do alocutário em relação ao seu conteúdo. Neste caso específico realce-se a combinação de uma adjectivação superlativa, que reforça o interesse da referida história, com a expressão verbal de opinião – *eu acho* – que identifica claramente a instância de enunciação. A sua função é atenuar a força da avaliação realizada logo a seguir, precavendo uma possível decepção do interlocutor.

Segue-se um movimento de negociação claramente interaccional [M3] que tem por intuito obter o acordo explícito do interlocutor para o turno narrativo. Para tal, o locutor levanta a hipótese de não-relevância, para a interacção em curso, do acto comunicativo anunciado através de uma interrogativa indirecta – *ah... isto até se não fosse...* – que, pelo seu valor ilocutório de pedido, motiva a resposta de aceitação do interlocutor – *não está tudo bem* – [M4]. Destaque para o carácter ritual do procedimento, que preserva a face negativa – referente ao desejo de não imposição ou à salvaguarda do território individual – dos presentes. Ao anuir ao pedido, o interlocutor concorda também em participar numa nova situação de enunciação com diferentes regras de distribuição de tempo, espaço e papéis.

O enunciado seguinte corresponde a um segundo Trabalho de Face por parte do futuro narrador: apesar da mudança de relações de poder na interacção, inerentes à introdução de um turno narrativo e directamente relacionadas com a distribuição assimétrica do espaço de enunciação e com direito de deter a palavra, o locutor reforça a autoridade do interlocutor e o seu poder de decisão quanto ao produto final da narração – *mas se quiser cortar tudo isto...* – [M3']. Por parte do futuro narrador há, claramente, a noção de inversão dos papéis em relação à situação de entrevista. Por esse motivo, relativiza o valor de todo o acto comunicativo posterior para afirmar a autoridade final do entrevistador sobre a interacção.

Um segundo exemplo idêntico foi retirado da entrevista com o código COD 1725 do Corpus de Referência do Português Contemporâneo. Neste caso, o tópico de conversação são as marcas profundas da reforma agrária no Alentejo. A passagem para um Enunciado Narrativo verifica-se quando o locutor fala da reentrega das terras aos antigos proprietários. Dada a sensibilidade do tema e a posição pró-entrega do locutor, na macroproposição de Resumo surgem várias estratégias de protecção da face.

- M1** *eh, cons[...], con[...], consta-se* *até* *que*
 [verbo + pronome impessoal] [partícula escalar]
 focalização semântica
Atenuação: Marcador de distanciamento
Pré-anúncio
Movimento de Anúncio da Narrativa com construção focalizadora
- M2** *isto* *é* *uma situação anedótica*
 [catafórico] [cópula] [det. indefinido + n. + adj.]
 aparte – avaliação do todo : Trabalho de Face
Anúncio
Avaliação justificativa
- M3** *não* *sei* *se* *a* *posso transmitir [...]*
 [ad. negação][v. epistémico][conj. integrante][anafórico][modal+v. declarativo]
 [Interrogativa indirecta polar]
Atenuação: Marcador de incerteza
Pedir acordo
se não
 [condicional elíptica]
Entrega da decisão ao outro
- M4** *com certeza.*
 [loc. adv. de afirmação]
Acordo
- M5** *um sujeito que, um patrão aqui do Alentejo que, eh, portanto, logo a seguir ao Vinte e Cinco de Abril, as terras foram ocupadas e ele... foi embora. [...]*
Início da Narrativa → **Orientação: Personagem Principal, Espaço, Tempo**

⁶ Retomando a proposta feita por Rodrigues (1998: 76-78), considera-se focalização semântica uma actividade de orientação do alocutário para o que vai ser dito através de elementos que, pelo seu valor semântico, destacam o foco, o tópico ou a actividade comunicativa que se segue. Incluem-se aqui quer adverbiais, quer partículas escalares (p. ex., *até*) quer sintagmas verbais de cariz apelativo (p. ex., *veja lá*).

Neste exemplo o movimento de Anúncio da Narrativa [M1] é realizado através do uso de uma expressão focalizadora – *consta-se até que* – composta pelo verbo acompanhado do pronome clítico impessoal – *se* –, seguido da partícula escalar – *até*. Esta construção tem a função pragmática de um Pré-anúncio⁶ (Rehbein, 1981) na medida em que realiza uma actividade preparatória sem qualquer explicitação sobre o valor ilocutório, modalidade ou tema da acção comunicativa anunciada. Ao mesmo tempo, o locutor parece distanciar-se quanto ao conteúdo da narração que pretende introduzir, o que é reforçado pelo uso agramatical do pronome clítico impessoal.

A par da sua função focalizadora, a expressão – *consta-se até que* – apaga a instância de enunciação, funcionando como um marcador de atenuação⁷. Segue-se um movimento de justificação da narrativa [M2] com o valor pragmático de Anúncio – *isto é uma situação anedótica* – no qual o locutor resume e avalia, de forma genérica, o que vai ser narrado, ao mesmo tempo que procura promover o interesse do alocutário em relação à sua narração. Dada a sensibilidade do tema, [M2] pode também ser encarado como uma estratégia de relativização do valor da narração, preservando a face do narrador.

O movimento de negociação do acordo [M3] é, como no exemplo precedente, um Trabalho de Face realizado através de uma interrogativa indirecta com o valor ilocutório de pedido de acordo – *não sei se posso transmitir* – completado com uma condicional elíptica – *se não* – que entrega a decisão ao interlocutor. Destaque para o marcador de incerteza – *não sei se* – que atenua um acto potencialmente ameaçador à face negativa do interlocutor, uma vez que está em causa a redistribuição do espaço de enunciação. Após a aceitação do alocutário [M4] através da locução adverbial de afirmação – *com certeza* –, o agora constituído narrador inicia a narrativa com a macroproposição **Orientação**, onde

⁶ Segundo Rehbein (1981: 243) a função central do Pré-anúncio é focalizar a atenção do interlocutor para a relevância da unidade discursiva a introduzir. “A pre-announcement therefore contains a demand for the hearer to give an explicit and positive point of view about the planned action, in this way, to enable the speaker to make his resolution of execution”. Na mesma linha Rodrigues (1998: 81) contrapõe o Pré-anúncio ao Anúncio Anteposto na medida em que, ao contrário deste último, não contém qualquer explicitação sobre ilocução, modalidade ou tema, concentrando-se no apelo à atenção e à vontade do interlocutor de receber o discurso que anuncia.

⁷ Segundo Margaret Rosa (1992:41-42) os marcadores de atenuação dividem-se entre aqueles que promovem o apagamento da instância de enunciação – marcadores de distanciamento – e aqueles a destacam – marcas de enunciação. Em relação aos marcadores de distanciamento, considera dois tipos de ocorrência: os que tornam o enunciado impessoal, introduzindo frequentemente a noção de dúvida, e os que criam a ilusão de que o sujeito de enunciação é indeterminado, dissociando o locutor da instância de produção desse sujeito. Ocorrências do primeiro tipo seriam construções impessoais como: *parece que, é possível que*. Ocorrências do segundo tipo seriam construções como: *dizem que, dizem até que; diz-se*. O exemplo em estudo faz parte deste segundo grupo.

⁸ Este tipo de marcador conversacional identificado por Marcuschi (1986:73) como Evasiva corresponde ao *hedge* de Brown e Levinson (1978). “A sua função é diluir o conteúdo ou força ilocutória de uma intervenção a fim de atenuar a ameaça potencial que esta poderia representar para a face de um ou outro interlocutor.” (Rosa, 1992:21) Antecipando explicitamente a função ilocutória do enunciado que precedem, estes marcadores, ao anunciarem a sua realização, antecipam, também uma possível ameaça à face do(s) interlocutor(es) com o objectivo de minimizá-la.

identifica a personagem Principal - *um sujeito que, um patrão* – o Espaço – *aqui do Alentejo* – o Tempo – *logo a seguir ao Vinte e Cinco de Abril* – e a Situação Inicial – *as terras foram ocupadas e ele... foi embora.*

5. Conclusões da análise realizada

O presente trabalho permitiu identificar, dentro da macroproposição Resumo (Labov, 1972), um **Protocolo de Acordo** para a introdução de um enunciado narrativo numa situação de interação oral.

(i) Esse protocolo caracteriza-se, na sua forma paradigmática, pela realização dos seguintes movimentos:

- Anúncio da Narrativa;
- Justificação da Narrativa;
- Negociação do Acordo;
- Aceitação do Interlocutor;
- Início da Narrativa.

(ii) Na realização dos dois primeiros movimentos foi possível identificar **Actividades Preparatórias** que:

- orientam o alocutário para o valor ilocutório, conteúdo ou intencionalidade do turno narrativo que se segue → **Anúncios**
por ex.: *Queria-lhe contar uma história que eu acho giríssima, giríssima;*
- ou simplesmente focalizam a atenção do interlocutor para o acto comunicativo que se segue → **Pré-anúncios**
por ex.: *consta-se até que*

(iii) A par desta função focalizadora, foi possível identificar, na construção das Actividades Preparatórias, vários **Marcadores** e **Estratégias de Atenuação** através dos quais o locutor procura controlar a interpretação das suas palavras bem como proteger a própria face e a do interlocutor:

- Marcadores de opinião com verbos epistémicos
Por ex.: *Queria-lhe contar uma história que eu acho giríssima*
- Marcadores de incerteza
Por ex.: *Não sei se a posso transmitir*
- Marcadores de distanciamento
Por ex.: *Consta-se até que...*

- Modalização
Por ex.: *Queria-lhe contar*
- Realização do Pronome Sujeito
Por ex.: *uma história que eu acho giríssima*

(iv) Na realização do terceiro movimento – Negociação do Acordo – destaca-se o recurso a Perguntas Indirectas Polares como estratégia discursiva, mais ou menos ritualizada:

- Perguntas indirectas com construções condicionais
Por ex.: *isto até se não fosse....; se não; ah não mas se quiser cortar isto*
- Perguntas indirectas
Por ex.: *não sei se a posso transmitir*

(v) A Narrativa propriamente dita é introduzida após o acordo explícito do interlocutor e através da macroproposição Orientação que apresenta a Situação Inicial e caracteriza os seus componentes.

Uma última consideração sobre o presente estudo: a realização do Protocolo de Acordo está directamente relacionada com o contexto de enunciação, com as relações de poder entre interlocutores e com a percepção do futuro narrador quanto ao grau de oportunidade da introdução de um Enunciado Narrativo na interacção. Por exemplo, numa situação de entrevista há, normalmente, um acordo prévio entre interlocutores que prevê a ocorrência de turnos longos nas vezes do entrevistado. Nestes casos, a passagem a um enunciado narrativo está, à partida, legitimada, não tendo que haver uma aceitação verbal explícita por parte do futuro narratário. No entanto, mesmo nestes casos, podem identificar-se Anúncios que realizam, de uma forma “ritualizada”, esse mesmo protocolo.

Referências

- Adam, Jean-Michel (1985) *Le Texte Narratif*. Paris: Ed. Nathan Université.
- Adam, Jean-Michel (1991 [1984]) *Le Récit*. Paris: PUF.
- Bres, J. (1994) *La Narrativité*. Louvain-la-Neuve: Éditions Duculot.
- Brown, P. & S. Levinson (1978) *Politeness: some Universals in Language*. Cambridge: Cambridge University Press
- Galembeck, P. (1997) Preservação da face e manifestação de opiniões: um caso de jogo duplo. In Preti, Dino (org.) *O Discurso Oral Culto*. São Paulo: Publicações FFLCH/USP.
- Labov, W. (1972) *Language in the Inner City*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Marcushi, Luís Antônio (1986) *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática.
- Morais, Armindo (2002) *O Género Narrativo em Interacções Oraís Autênticas*. Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta.

- Faria, M. Isabel (1983) *Para a Análise da Variação Socio-Semântica*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Kallmeyer, Werner (1978) Fokuswechsel und Fokussierungen als Aktivitäten der Gesprächskonstitution. In Meyer-Hermann, R. (ed.) *Sprechen-Handeln-Interaktion*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, pp. 191-241.
- Kallmeyer, Werner (1996) *Gesprächsrhetorik. Rhetorische Verfahren in Gesprächsprozess*. Tübingen: Narr.
- Meyer-Hermann, R. (1978) Aspekte der Analyse metakommunikativer Interaktionen In Meyer-Hermann, R. (ed.) *Sprechen-Handeln-Interaktion*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, pp. 103-141.
- Nascimento, M. F., M. L. Marques & M. L. Cruz (eds.) (1987) *Português Fundamental*. Volume II: *Método e Documentos*. Lisboa: I.N.I.C./C.L.U.L.
- Rehbein, Jochen (1981) Announcing – On Formulating Plans In Coulmas, F. (ed.) *Conversational Routine*, The Hague, Moutin Publishers, pp. 215-258.
- Rehbein, Jochen (1984) “Beschreiben, Berichten und Erzählen”. In Ehlich, K. (ed.), *Erzählen in der Schule*, Tübingen, Narr, pp. 67-125.
- Rodrigues, Isabel (1998) *Sinais Conversacionais de Alternância de Vez*. Porto: Granito, Editores e Livrciros.
- Rosa, Margaret (1992) *Marcadores de Atenuação*. São Paulo: Contexto.
- Van Dijk, Teun (2002 [1992]) *Cognição, Discurso e Interação*. São Paulo: Editora Contexto.